

ACIDENTES POR ANIMAIS PEÇONHENTOS NO MUNICÍPIO DE BOTUCATU, SÃO PAULO: ASPECTOS CLÍNICO-EPIDEMIOLÓGICOS E CLIMÁTICOS, NO PERÍODO DE 2007 A 2019

Congresso Iberoamericano de Saúde Pública Veterinária, 2ª edição, de 10/08/2020 a 15/08/2020
ISBN dos Anais: 978-65-86861-21-1

SILVA; Neuder Wesley França da ¹

RESUMO

Introdução: Os acidentes por animais peçonhentos (AP) representam um problema de saúde pública em virtude da frequência anual de casos no Brasil. Os acidentes variam segundo a espécie envolvida e a evolução dos casos depende da classificação do caso (leve, moderado e grave), do atendimento decorrido entre acidente e atendimento clínico, região anatômica da agressão e fatores intrínsecos animais como a quantidade de veneno inoculado. Entretanto, os acidentes podem ser tratados com soro antiveneno específico para espécie agressora, mas que dependem da classificação de caso para administração de doses, sendo todo acidente, notificado em Ficha de Investigação do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Outrossim, é essencial conhecer o comportamento epidemiológico desse agravo para adoção de ações preventivas, contudo fatores climáticos podem contribuir com número de casos. Nestes aspectos, e diante da importante existência do Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), reuniu-se esforços em contribuir com a casuística dos acidentes AP no município de Botucatu e provável relação de fatores climáticos envolvidos. **Objetivos:** Analisar os aspectos clínico-epidemiológico e climáticos relacionados aos acidentes por animais peçonhentos no município de Botucatu, São Paulo. **Metodologia:** O estudo abrange o município de Botucatu, o qual dista da capital São Paulo, 235 km. O município possui um inverno frio e seco e verão quente e úmido, onde fevereiro e julho são respectivamente, o mais quente e o mais frio do ano. A precipitação pluviométrica anual associa-se às condições orográficas locais (influência de relevos), com deficiências hídricas em abril, julho e agosto. No ciclo anual das chuvas, são conhecidos dois períodos: chuvoso (outubro a março) e seco (abril a setembro). Quanto aos aspectos clínico-epidemiológico dos acidentes por AP, realizou-se estudo descritivo quantitativo do agravo, no período de 2007 a 2019, por município de residência, utilizando-se banco de dados secundários do DATASUS/Ministério da Saúde, o qual possui registros do agravo do SINAN. Os dados foram compilados em planilhas do Microsoft Excel® para elaboração de gráfico, tabelas e análise estatística em valores absolutos, relativos (%) e média, das principais variáveis de interesse epidemiológico. **Resultados:** O município ocupou o 25º lugar

¹ Médico Veterinário/Departamento de Controle de Endemias/Secretaria de Estado de Saúde Pública, nwwet@hotmail.com

em acidentes por AP em São Paulo (N= 310.363), com 2.315 (0,75%) casos, dos quais prevaleceram os provocados por escorpiões (928; 40,09%), seguido por abelhas (709; 30,63%), aranhas (422; 18,23%), serpentes (91; 3,93%); lagartas (87; 3,76%), outros (77; 3,33%) e ignorados/em branco (1; 0,04%). Em 1018 ocorreu maior frequência de acidentes (312; 13,48%) e a menor em 2008 (37; 1,60%), com média de 178 casos/ano. Durante a distribuição de casos por meses, observou-se duas curvas de acidentes por AP, sendo a primeira decrescente que iniciasse em janeiro (256; 11,06%) e decaiu até junho (98; 4,23%) e a segunda que parte de junho até dezembro (255; 11,02%), com maior frequência em outubro (266; 11,49%). No contexto dessas curvas, observou-se que a temperatura máxima variou de 29°C em fevereiro, 27°C (abril), 23°C (julho) e 27°C em novembro e as mínimas variaram de 19°C (fevereiro); 18°C (abril) 14°C (julho) e 17°C em novembro, sendo que de outubro a março ocorreu a maior frequência de acidentes (64,92%; 1.503) e a menor entre abril e setembro (812; 35,08%). A frequência aproximada no período de estiagem (maio a setembro) foi de 616 (26,61%) acidentes. Os acidentes por escorpiões foi maior em outubro (155; 6,70%); abelhas em fevereiro (74; 3,20%); aranhas em janeiro (55; 2,38%), lagartas em fevereiro (29; 1,25%), serpentes em março (13; 0,56%), outros tipos em maio (14; 0,60%). Usualmente os acidentes envolveram indivíduos do sexo masculino (1.310; 56,59%); na faixa etária de 20 a 59 anos (1.415; 61,12%); escolaridade da 5ª a 8ª série incompleta do Ensino Fundamental (610; 26,35%) e Ensino Médio completo (573; 24,75%). Geralmente acidentes leves (2.148; 92,79%), seguido de moderados (136; 5,87%), graves (29; 1,25%) e ignorado/em branco (2; 0,09%). Usualmente, o tempo entre a picada e atendimento clínico ocorreu entre 0-3 horas (1.777; 76,76%), principalmente entre 0-1 hora (1.244; 53,74%) e geralmente a evolução dos acidentados foi para cura (2.304; 99,52%); com ocorrência de 3 (0,13%) de óbitos. Desses óbitos, todos ocorridos em anos distintos, encontram-se 2 indivíduos do sexo masculino e 1 feminino, nas faixas etárias de 1-4 e 10-14 (ocorridos em outubro e dezembro, respectivamente) e 40-59 anos (ocorrido em março), sendo que um (0,04%) foi acidentado por escorpião e 2 (0,09%) por abelhas; todos ocorreram entre 0-6 horas (acidente-atendimento) e foram classificados como casos graves. As informações sobre local anatômico das agressões são suprimidas na base do DATASUS. **Conclusão:** O estudo demonstrou que Botucatu ocupa posição relevante em frequência de acidentes por animais peçonhentos em São Paulo e que o comportamento epidemiológico de maior frequência de agressões por escorpiões e abelhas, foi o que conduziu ao óbito no município. Demonstrou-se a distribuição maior de acidentes em duas curvas anuais, onde identificaram-se casos de óbitos. Outrossim, comprovou-se o acompanhamento paralelo da frequência de acidentes e variações climáticas, sendo predominantes os acidentes no período do ano com elevada temperatura e maior registro de chuvas (outubro a março); com maior frequência de casos em indivíduos do sexo masculino e em idade economicamente ativa e baixa escolaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Banco de dados, Epidemiologia, Animais peçonhentos